

**UM SOPRO DE VIDA E A RELAÇÃO JUDAICA COM A PALAVRA E O SILÊNCIO****A BREATH OF LIFE AND THE JEWISH RELATION WITH WORDS AND SILENCE**Isabelle Christinny Ribeiro Rodrigues¹Leila Borges Dias²

Recebido em: 01/10/2022

Aceito em: 25/10/2022

DOI: 10.26512/aguaviva.v7i3

RESUMO: Clarice Lispector, filha de judeus ucranianos que se exilaram no Brasil em 1921, ¹conservou traços da cultura e tradição de sua família, apesar de não ter vivido no país em que nasceu. Esta herança cultural se refere a uma visão de mundo que a família trouxe, presente na língua, pelo ídiche e na cultura, a ashkenazi. Diante disso, pretendemos neste artigo, por meio de uma revisão bibliográfica, identificar aproximações entre a obra póstuma de Clarice, *Um Sopro de Vida* (1978), e a tradição da mística judaica, com destaque para a relação entre a palavra e o silêncio. Na tentativa de destrincharmos as possíveis afinidades da obra clariceana com o universo hassídico, pontuamos inicialmente a relação de ancestralidade que a autora possui com os judeus místicos da região da Ucrânia em que nascera, através da contribuição do biógrafo Benjamin Moser (2013) e das anotações de sua amiga e assistente, Olga Borelli (1981). Já em relação às temáticas da cultura judaica, de suas correntes místicas e o processamento do encantamento hassídico, utilizamos livros religiosos como a *Bíblia Hebraica* (2006) e o *Zohar, o livro do esplendor* (2006), além de estudiosos como J. Guinsburg (1971), Martin Buber (2003) e Amós Oz e Fania Oz-Salzberger (2005). Por fim, discutimos a distinta relevância que a palavra possui para a mística judaica enfatizando sua capacidade criadora e de revelação do que está oculto, e assim, identificamos traços em comum com algumas temáticas desenvolvidas na obra de Clarice, para quem a busca pelos limites da linguagem foi um tópico recorrente.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Sopro de Vida; Mística Judaica; Hassidismo; Silêncio.

ABSTRACT: Clarice Lispector, daughter of Ukrainian Jews who were exiled in Brazil in 1921, kept traits of her family's culture and tradition, despite not having lived in her birthplace. This cultural heritage refers to a worldview brought by her family, present in the Yiddish language and in the Ashkenazi culture. Therefore, in this paper we aim to identify, through a literature review, connections between Clarice's posthumous work, *A Breath of Life* (1978) and Jewish culture, focusing on the relationship between words and silence. In an attempt to unravel

¹ Graduanda de Letras Português da Universidade Federal de Goiás (UFG), e-mail: isabellechristinny@discente.ufg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5539-6941>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1640224748909183>

² Doutora em Sociologia pela UnB. Professora do Departamento de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás - Regional Goiânia, e-mail: borges_leila@ufg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2298-988X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6882008402080406>



the possible affinities between Clarice's work and the Hasidic world, we initially highlight the ancestral relationship that the author has with the mystical Jews of the region in Ukraine where she was born, drawing on the contributions of the biographer Benjamin Moser (2013) and the notes of her friend and assistant, Olga Borelli (1981). In regard to the themes of Jewish culture, its mystical currents and the processing of Hasidic enchantment, we made use of religious books such as the *Hebrew Bible* (2006) and the *Zohar, the Book of Splendor* (2006), as well as scholars such as J. Guinsburg (1971), Martin Buber (2003), and Amos Oz and Fania Oz-Salzberger (2005). Lastly, we discuss the distinct significance that words hold in Jewish mysticism, emphasizing their creative capacity and ability to reveal what is hidden, and thus, identify common elements with some themes developed in Clarice's work, for whom the exploration of the limits of language was a recurring topic.

KEYWORDS: Clarice Lispector; *A Breath of Life*; Jewish mysticism; Hasidism; Silence.

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector foi um dos maiores nomes da literatura brasileira do Século XX. Ucraniana de origem judia, veio ao Brasil com a família para fugir dos *pogroms* contra os judeus, que se intensificaram no leste europeu após a Revolução de 1917. Apesar de cruzarem o Atlântico, a família de Clarice conservou traços culturais baseados na tradição judaica, na língua *ídiche* e na cultura *askenazi*.

Desde seu primeiro romance, Clarice impressionou o público por subverter a narrativa do romance tradicional. Isso se deu, principalmente, pela escrita considerada inovadora da autora, caracterizada pela ênfase no espaço psíquico e tempo cronológico, presentes no recurso narrativo do fluxo da consciência.

O aspecto cultural de sua origem familiar é percebido na contribuição de críticos como Berta Waldman (2003, 2011), Bella Jozef (2009) e Rafael Bán Jacobsen (2016), que apontam em seus estudos as relações das obras clariceanas com essa tradição cultural e religiosa.

A intenção do presente estudo é a de desvelar o construto narrativo de *Um Sopro de Vida (Pulsações)*, obra póstuma da autora, associando-o à tradição hassídica. Diante disso, recorreremos somente a elementos imprescindíveis no que diz respeito às características formais do romance.

Edgar Cézár Nolasco (2004) e Benjamin Moser (2013), respectivamente, auxiliam na análise da influência da vida da autora em sua obra, numa espécie de ficcionalização da memória, tomada como matéria ficcional.

Na tentativa de construir um arcabouço teórico da tradição judaica e de sua corrente



mística, o hassidismo, selecionamos a *Bíblia Hebraica* (2006) e o *Zohar, o livro do esplendor* (2006), além de obras dos teóricos Martin Buber (2003) e de J. Guinsburg (1971). O estudo conta ainda com o livro *Os judeus e as palavras* (2005), de Amós Oz e Fania Oz-Salzberger, onde pai e filha analisam a tradição secularista judaica com a palavra.

Edgar Nolasco (2004, p.22-23), estudioso de Clarice, observa a existência de um “traço biográfico-literário que sustenta e mantém o projeto escritural” da autora, este se daria a partir das especificidades da obra e se evidenciaria desde seu primeiro romance. Compreendendo a crítica como uma forma de (re)leitura, analisamos a obra póstuma por um viés que considera os elementos biográficos presentes, pois eles indicam que a autora fazia de sua própria vida, fonte de inspiração para suas obras, mesmo que essa influência seja destinada para a confecção do texto ficcional.

Nesse sentido, discorremos a respeito da figura enigmática da autora, assim como as situações que lhe conferiram uma aura mística. Por fim, procuramos investigar, através de trechos da obra, as possíveis relações entre as temáticas desenvolvidas no romance, com temas e análises acerca da mística judaica, o que nos leva a tecer relações de afinidade entre o *hassidismo* e uma possível influência deste na escrita e na linguagem, e sua relação com o silêncio e a palavra.

CLARICE: A MÍSTICA DA LITERATURA BRASILEIRA

“Eu escrevo para fazer existir e para existir-me. Desde criança procuro o sopro da palavra que dá vida aos sussurros.” (LISPECTOR, 2020, p.103)

A família Lispector se exilou no Brasil em 1921 carregando as consequências das violências que sofreram na Ucrânia. Apesar de serem obrigados a tantas mudanças - um novo país, uma nova língua e até novos nomes - o exílio forçado não os impediu de manter viva sua cultura. Clarice e suas irmãs estudaram no Colégio Hebreu – Ídiche – Brasileiro, onde aprenderam hebraico e a língua de seus pais, o ídiche, uma mistura de hebraico e alemão.

Em suas raras entrevistas, Clarice se mostrava uma mulher reservada, tendo em vista que nunca se propôs a falar abertamente sobre o passado de sua família. As maiores fontes sobre a vida da família na Ucrânia são as obras de sua irmã, Elisa Lispector, principalmente seu romance autobiográfico, *No Exílio* (2005).

Após a chegada da família ao Brasil, o antissemitismo se alastrou com maior rapidez pelo mundo e alguns anos depois, Hitler recrudesceria a escalada de violência contra os judeus. Apesar de sua discrição acerca desse capítulo delicado de sua história, alguns estudiosos da autora apontam aproximações entre sua escrita e sua herança cultural judaica:



[...] Referências ao trauma que sua família vivenciou na Ucrânia são igualmente elípticas e raras. No entanto, as cruciantes circunstâncias do início da sua vida são o ponto fundamental que a vincula aos místicos judeus que a precederam. Assim como ela, eles transformavam seus traumas reais em complexas alegorias que só raramente aludiam às circunstâncias históricas que as produziam. (MOSER, 2013, s/p)

Ainda em vida, Clarice conquistou o fascínio de pessoas que viam sua pessoa envolta em uma aura de mistério, um enigma a ser desvendado. A falta de informações sobre as origens da escritora contribuiu para o surgimento de lendas em torno dela: “[...] ela se assemelhava aos santos judeus de sua terra natal, os tzadikim hassídicos, ‘portadores daquela coisa irracional’, figuras míticas em seu próprio tempo, sobre os quais ‘uma transbordante abundância de histórias’ misturava indissolúvelmente ‘trivialidade e profundidade’.” (MOSER, 2013, s/p.)

Em 1975 Clarice participou do *Primeiro Congresso Mundial de Bruxaria*, no evento ela apresentou ao público seu conto *O ovo e a galinha*, afirmando ser ele um mistério até mesmo para a própria escritora. A participação no evento lhe rendeu ainda mais lendas em torno de sua figura, além do título de “A grande bruxa da literatura brasileira” pelo crítico Affonso Romano de Sant’Anna.

Muito dessa aura mística de Clarice vinha de suas obras, com sequências enigmáticas estruturadas em fragmentos e personagens sempre em uma busca insaciável pelo “núcleo” das coisas, pelo indizível e pela epifania. Além disso, nunca se propôs a seguir padrões tradicionais de escrita, nem se empenhou em ser explícita ou “evidente”, pelo contrário; o mistério e o oculto estiveram presentes de forma recorrente em suas narrativas e temáticas.

VIDA E OBRA: ENTRECruzamentos

“Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.” (LISPECTOR, 2020, p.14)”

Outra incógnita em sua escrita é o fato de que, apesar de ficcional, ela fez uso de elementos de sua biografia para compor seus personagens e enredos. Não podemos deduzir as intenções ou o grau de consciência da escritora ao realizar esse emaranhamento de vida e ficção, mas ignorar essa particularidade é condená-la a uma leitura reducionista. Consideramos a relevância do conceito de ficção dentro da teoria da literatura, entretanto, ressaltamos a necessidade de se ater às demandas do texto literário em si. Diante disso não podemos afirmar que os romances de Clarice eram autobiográficos, mas também não podemos negar que traços de sua vida estavam presentes em sua escrita.

Nesse sentido, utilizamos a perspectiva de crítica biográfica de Edgar Nolasco (2004)



para complementar a análise da obra da autora, como uma forma de “entender o seu projeto intelectual e a questão da autoria que se espalha para além do ficcional, [...] como uma forma de recontextualizar a obra, e não tomá-la como acabada, fechada em si mesma.” (NOLASCO, 2004, p. 84)

Segundo ele, esse traço biográfico-literário faria parte de um projeto escritural da autora e até caracterizaria seu estilo, pois sugere que:

[...] o mundo da ficção clariceana se apropria do mundo, da vida, através de um pacto biográfico nem sempre autorizado pela escritora, porque sabemos que muito também se diz na ficção à revelia daquele que escreve. Por outro lado, também podemos afirmar que Clarice tinha consciência dessa encenação do mundo da literatura, uma consciência tão peculiar como um jogo em que se ficcionaliza a própria vida. (NOLASCO, 2004, p. 79)

Na obra em análise, há a presença de elementos precisos que transitam da biografia da escritora para a vida de Ângela Pralini e do Autor, tais como a descrição de objetos, de espaços da casa da autora, seu cachorro Ulisses, obras publicadas pela autora empírica e uma descrição muito semelhante às características do rosto de Clarice, reveladas no romance como uma autodescrição da personagem feminina.

A narrativa é construída em torno da relação entre o Autor e sua criação, uma personagem chamada Ângela Pralini, que também está empenhada em sua própria criação, “O livro de Ângela”. O romance é composto por fragmentos de fala, pensamentos desses dois personagens e possui como núcleo temático, a problemática da escrita, a criação, Deus e o divino, a busca pelo indizível, o impulso vital, o sonhar acordado e a morte.

Um *Sopro de Vida* foi escrito entre 1974 e 1977, simultaneamente a *A hora da estrela*, sua última obra publicada em vida. Clarice não teve tempo de finalizá-la, o que fez com que fosse organizada e publicada por sua amiga, Olga Borelli.

Esse aspecto de “inconclusão”, contribui com o que ela mesma propõe, já que revela desde o início, ser constituída por fragmentos: “O que está escrito aqui, meu ou de Ângela, são restos de uma demolição de alma, são cortes laterais de uma realidade que se me foge continuamente. Esses fragmentos de livro querem dizer que eu trabalho em ruínas.” (LISPECTOR, 2020, p. 19)

UM SOPRO DE VIDA E O ENCANTAMENTO DA MÍSTICA JUDAICA

“Eu quero atingir o mais íntimo segredo daquilo que existe. Estou em plena comunhão com o mundo.” (LISPECTOR, 2020, p. 55)



Apesar da origem judaica, Clarice nunca transportou para suas obras elementos do judaísmo de forma explícita. Contudo, muitas de suas temáticas e formas de se expressar contêm traços semelhantes aos da tradição da mística judaica. É recorrente nos personagens da autora um impulso que se revela em uma busca por um estado de comunhão espiritual com o mundo: “Então – ao ter que me entregar ao Nada – aconteceu o milagre: senti como no gosto da boca o sabor do Tudo.” (LISPECTOR, 2020, p. 148)

A relação da autora com essa corrente judaica é ainda geográfica, pois seus ancestrais eram judeus ucranianos nascidos na terra natal do fundador do hassidismo, *Baal Shem Tov* ou *Rabi Israel ben Eliezer*, o *Mestre do Bom nome*, que viveu entre 1700 e 1760. No que diz respeito a essa ancestralidade, Moser (2013, s/p.), observa que: “Talvez o fato mais notável acerca da região de onde veio Clarice Lispector não fosse a pobreza ou a opressão, mas sua elétrica relação com o divino. Isolados e pobres, os judeus de Podólia eram frequentemente arrebatados por ondas milenaristas.”

O hassidismo foi um movimento que surgiu dentro do judaísmo ortodoxo, e corresponde a uma “adaptação das experiências místicas da cabala, o que tornou esse conhecimento mais acessível, devido à criação e divulgação de lendas devocionais.” (SANTOS, 2020, p.130). Tendo o conceito da universalidade da presença divina como centralidade, extrapolam-se os limites entre a criatura e seu Criador, o “homem, pela operação interior que o engolfava em Deus e levava êste da transcendência ritual à imanência mística, retornava ao seu ‘lugar’.” (GUINSBURG, 1971, p. 47).

Waldman (2011) e Jacobsen (2016) levantam algumas questões sobre interferências de elementos da tradição judaica na obra da escritora, principalmente no que concerne a essa busca pela ‘coisa’, pelo ‘inominável’, o ‘neutro’, o que é anterior à fala. Para esses autores, a busca incessante dos personagens de Clarice pelo indizível, que também se manifesta de outras formas nas obras, é um elemento que se assemelha a características desta tradição:

[...] o grande ‘tema’ da obra da escritora é, a meu ver, o movimento de sua linguagem, que retoma a tradição dos comentadores exegéticos presos ao Pentateuco, e que remetem ao desejo de se achegar à divindade: tarefa de antemão fadada ao fracasso, dada a particularidade de ser o Deus judaico uma inscrição na linguagem, onde deve ser buscado, mas não apreendido, obrigando aquele que o busca a retomar sempre. (WALDMAN, 2011, p. 3)

Jacobsen (2016) sugere que a herança judaica de Clarice se manifesta ainda “na sutileza com que a autora lida com diversos paradoxos em sua obra (humano e animal, puro e impuro, dizível e indizível), entretecendo-os em uma urdidura que só pode ser compreendida



dentro de um arcabouço filosófico eminentemente judaico.” (JACOBSEN, 2016, p. 26). Esta relação de opostos é encontrada em diversos trechos de *Um Sopro de Vida*, que são expostos por meio de fragmentos curtos, contendo significados e possibilidades de reflexão que extrapolam os limites impostos pelas linhas escritas: “As coisas obedecem ao sopro vital. Nasce-se para fruir. [...] Eu quero a verdade que só me é dada através do seu oposto, de sua inverdade. [...] Viver é mágico e inteiramente inexplicável. Eu compreendo melhor a morte.” (LISPECTOR, 2020, p. 17).

No *Zohar, o livro do esplendor*, uma das obras de maior relevância da mística judaica, identificamos trechos que indicam as relações de dependência que esses mesmos paradoxos revelam. Como é o caso da relação entre o profano e o divino, onde o pecado é retratado como um caminho pelo qual se pode alcançar Deus. Além disso, observamos que na obra de caráter revelador, os trechos em que se processam a experiência mística estão diretamente relacionados ao “silêncio de uma completa absorção, ou” a “um repentino raio de iluminação.” (BENSION, 2006, p. 57), aproximando-se das experiências vivenciadas pelos personagens da obra de Clarice.

Assim como em Ângela, que “atingiu um êxtase ao perder a multiplicidade ilusória das coisas do mundo e ao passar a sentir tudo como uno.” (LISPECTOR, 2020, p.151), o encantamento hassídico pode ser alcançado através desse sentimento de comunhão com o mundo, pois de acordo com o ditado hassídico, o divino se manifesta em todas as coisas: “Deus reside lá onde o deixam entrar” (BUBER, 2003, p. 85)

PALAVRA E SILÊNCIO

“– Quanto a mim também me distancio de mim. Se a voz de Deus se manifesta no silêncio, eu também me calo silencioso. Adeus.” (LISPECTOR, 2020, p. 174)

Com uma religião fundada no pacto da não representação de imagens, os judeus delegaram às palavras o papel de propagação e manutenção de sua cultura. Até “mesmo onde a proibição bíblica de estátuas e figuras pôde ser contornada, as imagens podiam apenas servir às palavras, ilustrar seu significado, espelhar sua história.” (OZ & OZ-SALZBERGER, 2005, p. 3). É pela palavra que Deus inicia sua criação: “E Deus **disse**: Haja luz!”, e também por ela que firma sua aliança com o povo de Israel, através das palavras escritas nas tábuas da Lei contendo os dez mandamentos. Podemos encontrar na Bíblia Hebraica diversas passagens semelhantes a estas, nas quais a relevância da palavra é destacada e sua importância divina revelada.

No livro *Os judeus e as palavras*, Amós Oz e sua filha, a historiadora Fania Oz-Salzberger, refletem sobre a relação histórica dos judeus com as palavras, e evidenciam uma



prática predominante nas famílias judias, a de iniciar os filhos no estudo das palavras desde muito cedo. Para os autores, essa inserção precoce é o que contribui para a relação distinta dos judeus com as palavras, sendo essa valoração um dos grandes motivos da sobrevivência cultural deste grupo étnico. Apesar de todas as perseguições e do forçado exílio a que os judeus foram submetidos ao longo do tempo, eles nunca abriram mão de narrar e registrar todos os aspectos de sua história de modo autoral.

Em *Um Sopro de Vida*, a palavra recebe tal ênfase que é através dela que o ato da criação se concretiza, e em sua relação com o silêncio que a experiência mística é experienciada por Ângela. O primeiro dos quatro prefácios do romance é uma passagem do livro de Gênesis e já anuncia uma aproximação da obra com o tema do milagre da criação, especialmente na passagem do mito de Adão e Eva. Na narrativa, o Autor imprime em sua personagem o sopro vital, tal como Deus fez com o homem. Em toda a obra há ressonâncias de passagens bíblicas, principalmente fazendo referência à relação criador - criatura, sendo a palavra, a matéria pela qual essa relação é capaz de se concretizar: “No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia, era de todo o mundo, era de Ângela.” (LISPECTOR, 2020, p. 18).

Clarice aparenta estar sempre em busca de denominar o que é da subjetividade e assim se desvencilhar de todas as amarras da linguagem, mas isso é apenas pretensão, tentativa de capturar o instante, que muitas vezes nenhuma palavra satisfaz, permanecendo o personagem somente no nível da pré-fala. Quando isso ocorre, é o silêncio que vai tentar exprimir o que ultrapassa os limites da linguagem: “O silêncio espaçoso me interrompe, me deixa o corpo num feixe de atenção intensa e muda. Fico à espreita de nada. O silêncio não é o vazio, é a plenitude.” (LISPECTOR, 2020, p. 59)

Nesse sentido, o encantamento místico de Ângela é fruto dessa busca pelo “nada”, que se processa na relação entre a palavra e o silêncio: “Então – ao ter que me entregar ao Nada – aconteceu o milagre: senti como alimento no gosto da boca o sabor do Tudo. Esse sabor espalhou-se como luz e sensação de gosto pelo corpo todo, e eu me entreguei a Deus, com delírio de uma alma que bebesse água.” (LISPECTOR, 2020, p. 148).

O êxtase é descrito como um sentimento de união com o “tudo”, e também está ligado ao que é comum, ao “alimento no gosto da boca”, ao “delírio de uma alma que bebesse água”, ou seja, está acessível para todos os indivíduos, pois se encontra no que é simples e corriqueiro, e não no que é perfeito ou inacessível.

Do mesmo modo que ocorre no hassidismo, onde o sagrado deixa de ser domínio de uma erudição seleta, podendo ser encontrado em todos os aspectos da vida “em todo lugar, a



toda hora, a cada ato, em cada palavra” (GUINSBURG, 1971 p.87), na narrativa de Clarice o indivíduo é capaz de alcançar a epifania pelo que é cotidiano e trivial.

Martin Buber (2003) observa que na visão hassídica, o comum torna-se repetidamente novo para o homem que se encontra em estado epifânico. Nesse mesmo sentido, a possibilidade da criação literária e de alcance do êxtase é identificado, na obra da autora, na busca pelo limite da palavra, que aparentemente é algo comum, mas que se desemboca em um “silêncio” carregado de significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A ÚLTIMA PALAVRA será a quarta dimensão.” (LISPECTOR, 2020, p. 25)

Clarice foi uma escritora de muitas interfaces, sua escrita inovadora e sua aura de mistério, lhe conferem a fama de “bruxa” por alguns. Ela tinha um domínio indiscutível com as palavras e seus significados, um conhecimento amplo da filosofia e de tradições religiosas. Suas obras revelam um interesse pelo mistério da existência humana materializado na procura incessante de seus personagens por uma emoção existencial, que quando alcançada é por um ínfimo instante.

Outra particularidade de suas obras foi o uso de elementos autobiográficos da autora empírica em suas ficções. Esse procedimento é outro mistério que orbita em torno da escritora, visto que esses elementos, apesar de serem biográficos, não retiram da obra sua “ficcionalidade”. A partir de uma perspectiva defendida por Nolasco (2004), de que a autora construiu um estilo de escrita biográfico - literário e que para uma leitura completa de sua obra é preciso estar atento a esses entrecruzamentos trouxemos, inicialmente, elementos da mística judaica que se aproximam de temas desenvolvidos na obra póstuma da autora, fazendo ainda um paralelo com a herança judaica de Clarice, que a aproxima do hassidismo. Posteriormente, identificamos a importância distinta da palavra para o povo judeu, sendo ela o instrumento pelo qual foi possível a conservação da tradição de um povo que, apesar de toda perseguição e forçado exílio, permaneceu vivo culturalmente.

Ao destacarmos trechos da obra em que se processa o êxtase dos personagens, relacionamos o acontecimento epifânico ao encantamento hassídico, onde foi possível identificar que é na interação entre o silêncio e a palavra que os personagens de Clarice encontram esse sentimento de “arrebamento”, fruto do próprio ato da criação literária e do alcance de uma sensação de comunhão com o mundo, ambos possíveis somente por meio da busca pelos limites da linguagem. Nesse sentido, as experiências vivenciadas pelos personagens da autora se assemelham aos processos de absorção e de busca pelo “oculto” das palavras, que



se desembocam na “iluminação” dentro da mística judaica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENSION, A. **O Zohar**: o livro do Esplendor. Passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension (1880-1932). Prólogo de Miguel de Unamuno. 1ª Reim. Trad. e introdução, Rosie Mehoudar; Rita Galvão. São Paulo: Polar, 2006.

BÍBLIA HEBRAICA. Português. Bíblia Hebraica. Baseada no hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Bíblia hebraica. Tradução de David Godorovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Livraria e Editora Sêfer, 2006.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**. Esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BUBER, Martin. **A lenda do Baal Schem**. Trad. Fany Kon E J. Guinsburg. São Paulo: Ed.Perspectiva, 2003.

FITZ, E. E (The Pennsylvania State University). O lugar de Clarice Lispector na história da literatura ocidental: uma avaliação comparativa. **Remate de Males**, Campinas, (9), 1989, p. 31-37.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção. Trad: Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**. São Paulo, nº 53, março/maio 2002. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33195/35933>> Acesso em: 20/ago. 2017.

GUINZBURG, J.; FALBEL, N. (Org.). **Aspectos do hassidismo**. São Paulo: Editora B’Nai B’Rith, 1971.

HUMPHREY, Robert. **O fluxo de consciência**: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

JACOBSEN, Rafael Bán. Notas sobre o judaísmo em Clarice Lispector. **WebMosaica**, v.8, n.1, jan-jun, 2016, p.21-27.

JOSEF, Bella. Clarice Lispector, a quarta dimensão da palavra. In LEWIN, H., (Coord.). **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em <[HTTP://books.scielo.org](http://books.scielo.org)> Acesso em: 20 jun. 2021.

LISPECTOR, Clarice. Panorama com Clarice Lispector: fev. 1977. TV Cultura, Rio de Janeiro. Entrevista concedida a Júlio Lerner. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=djmupZp4cro>>. Acesso em 29 jan. 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MONEGAL, E. R. (Mundo Nuevo, nº6, dezembro de 1966). Clarice Lispector. **Remate de Males**, Campinas, (9), 1989, p.201-202.

MOSER, Benjamin. **Clarice**: uma biografia. Tradução de José Geraldo Couto. 1ª edição eletrônica. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NOLASCO, Edgar César. **Restos de ficção**. A criação biográfico-literária de Clarice Lispector. São Paulo: Annablume, 2004.



OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. **Os judeus e as palavras**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROSENFELD, Anatol. **Reflexões sobre o romance moderno**. Texto/Contexto I.1912-1973. São Paulo: Perspectiva, 2009.p.75-97

SANTOS, Leila Borges Dias. Conexões de sentido na literatura askhenaze entre “A Paixão Segundo G.H.”, de Clarice Lispector, e o conto “A Linguagem Dos Pássaros”, de Martin Buber. **Revista Escrita**, 2020. doi: 10.17771/PUCRio.escrita.50433.

WALDMAN, Berta. A retórica do silêncio em Clarice Lispector. In: Silêncios e luzes: sobre a experiência psíquica do vazio e da forma. JUNQUEIRA FILHO, Luiz Carlos Uchôa. (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

_____. **Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectivas: FAFESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003, p.3-13.

_____. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. Arquivo Maaravi: **Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011.